

# Compreender o Presente e o Passado para pensar o Futuro através da Arte

Paulo Simões Rodrigues, coordenador do Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora, apresenta-nos uma unidade de investigação empenhada em refletir sobre o Património enquanto processo cultural.



*O CHAIA é uma unidade científica que extravasa a História da Arte, desenvolvendo também investigação nos universos da Paisagem, do Teatro, das Artes Visuais, da Arquitetura e da Arqueologia*

Falar no Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) é fazer alusão a uma das mais antigas unidades científicas a funcionar a partir da Universidade de Évora. As origens deste organismo (inicialmente designado por Instituto de História da Arte e, mais tarde, Centro de História da Arte) remontam a 1987, menos de um ano após a classificação da cidade alentejana como Património Mundial da UNESCO. Longe, todavia, de cingir-se a um só domínio de análise, desde o início que o Centro assumiu – tal como nos contextualiza Paulo Simões Rodrigues – “uma vocação pluridisciplinar e uma visão muito abrangente do que era a História da Arte”.

Nesse sentido, e mediante uma interessante filosofia de diferenciação em comparação ao restante panorama nacional, o CHAIA foi “aglutinando e agrupando diferentes áreas”, à medida que a Universidade de Évora desenvolvia programas de Ensino em torno dos principais domí-

nios artísticos. Hoje, volvidas três décadas desde a sua génese, esta corresponde a uma unidade científica cujo foco em muito extravasa o território da História da Arte, desenvolvendo também investigação nos universos da Paisagem, do Teatro, das Artes Visuais (no seio das quais se engloba o Design), da Arquitetura e da Arqueologia.

Em sintonia com esta heterogeneidade, a unidade científica reúne o esforço de 49 investigadores integrados com doutoramento e de 60 doutorandos, aos quais se acrescentam outros 60 colaboradores (oriundos, na sua maioria, de outras unidades de investigação ou Universidades). Empenhados na produção de conhecimento e bibliografia ao abrigo das supra-mencionadas áreas, tem sido apanágio dos elementos que integram o CHAIA conciliar “uma vertente teórica, de forte cariz historiográfica” com uma “perspetiva da investigação através da prática”, esclarece o porta-voz.

muito importantes até para o mundo industrial e para a sustentabilidade de diversas áreas”, assegura Paulo Simões Rodrigues, quando questionado sobre a importância de a sociedade investir em temáticas de investigação como esta. Um exemplo de tal aspeto exprime-se na forma como as reflexões em torno do Património se revestem de um valioso interesse não apenas para a mera promoção turística, mas também para a gestão e sustentabilidade dos territórios, nomeadamente no que ao conceito da Paisagem (enquanto ponto de encontro entre uma componente cultural e biofísica) diz respeito.

Reconhecendo, efetivamente, o Património enquanto “um processo cultural” que se encontra “determinado por realidades políticas, sociais e culturais”, o CHAIA debruça-se em torno dos “processos de patrimonialização” e do papel de que a Arte se reveste enquanto instrumento de reflexão crítica sobre as tradições dominantes. Ainda assim, e fazendo jus à diversidade da sua abrangência, alguns trabalhos de investigação aqui dina-

## Património, arte e sociedade

“Existe a ideia de que investigar e ensinar em Arte é o mesmo que fazer Arte e ensinar a ser artista, mas este é um domínio que transmite, hoje em dia, um conjunto de competências alargadas que são





mizados (como é o caso do projeto Cata-pulta, em parceria com a Fundação Ana Khan) procuram estimular o conhecimento que as comunidades africanas a residir na Área Metropolitana de Lisboa possuem relativamente às suas artes tradicionais, potenciando também a sua implementação no desenvolvimento de, por exemplo, novos produtos ou manifestações criativas. Subjacente a uma iniciativa desta natureza está a convicção de que o Património imaterial que acompanha estas populações constitui uma valiosa oportunidade para o seu “empoderamento” na sociedade.

Por outro lado, e numa alusão a uma perspetiva de trabalho teórica e historiográfica, o CHAIA tem desenvolvido investigação em torno de elementos da cultura alentejana, como sejam os tradicionais Bonecos de Santo Aleixo. “Mais do que os objetos, trabalham-se os repertórios e a forma de conservação desses repertórios através da transmissão”, lembra o nosso interlocutor, numa alusão à forma como as ancestrais peças de teatro de marionetas foram transmitidas de geração em geração sem a utilização de suportes escritos, e ao modo como estas foram evoluindo. Igualmente ao abrigo de uma abordagem teórica, têm sido materializados estudos sobre áreas como a História da Arte dos Jardins ou, por exemplo, o contributo que as hortas urbanas criadas nas regiões periféricas das grandes cidades proporcionam para a sustentabilidade destes aglomerados urbanos.

Indissociável de alguns trabalhos de investigação desenvolvidos a bordo do CHAIA tem sido a aplicação das tecnologias digitais aos domínios da História da

Arte. O exemplo mais paradigmático corresponderá, nesse sentido, ao projeto científico Cidade e Espetáculo: Uma Visão da Lisboa Pré-Terramoto, no contexto do qual se materializou uma recriação virtual das ruas e edificado da capital portuguesa antes da histórica catástrofe que sobre ela se abateu. Já em sintonia com o Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS) e a Câmara Municipal de Évora, importa salientar o Projeto de Reconstituição Digital da Cidade de Évora (Évora 3D), que procura estabelecer modelos virtuais da cidade alentejana que remontem para épocas específicas, como sejam o período romano, o auge da influência islâmica ou o século XVI. Naturalmente, também investigado tem sido o modo como “o Digital está a alterar a forma de fazer História da Arte” e o advento do “Património criado digitalmente”.

### Ligação à comunidade

Atendendo ao âmbito dos seus projetos científicos, não deverá constituir surpresa que o CHAIA tenha celebrado valiosas relações de parceria junto de organismos tão distintos como a Direção Geral do Património Cultural, a Fundação Calouste Gulbenkian, o Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, a Fundação Eugénio de Almeida, o Grupo Pro-Évora, o Museu de Évora ou a Câmara Municipal de Évora, entre muitos outros agentes regionais e nacionais. Igualmente valiosa tem sido, por sua vez, a sintonia do centro de investigação junto de outros organismos científicos e instituições de Ensino Superior, para além das intensas relações

de proximidade já cimentadas em países como Reino Unido, França ou Brasil.

Por outro lado, e à margem das iniciativas concretizadas em conjunto com outros organismos sediados na Universidade de Évora (como é o caso do já referido CIDEHUS e do Laboratório HERCULES), o CHAIA tem participado na dinamização de “laboratórios colaborativos” junto de entidades como o DINÂMIA’CET (do ISCTE), o Instituto de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa ou a Universidade do Algarve. Assumindo a preocupação de estreitar a perceção que a sociedade tem sobre as temáticas da Arte e do Património, os alunos de Doutoramento afetos a estas instituições têm sido convidados a apresentar as suas dissertações fora do contexto académico, com resultados que têm superado as expectativas.

### Formação avançada

Atendendo à pluridisciplinaridade que caracteriza o CHAIA, existem cinco Doutoramentos promovidos na Universidade de Évora que encontram os seus fundamentos científicos no seio deste centro de investigação. Falamos, mais concretamente, dos Programas de Doutoramento em História da Arte, Arquitetura, Artes e Técnicas de Paisagem, Arqueologia e, por fim, Artes Visuais. Já em consonância com esta ampla oferta de formação de 3º Ciclo, a unidade de investigação integra o programa doutoral HERITAS – Estudos de Património, assente num consórcio de ciclos de Doutoramento que englobam os cursos de Arquitetura, História e História da Arte (inseridos na Universi-

dade de Évora), bem como a formação em Belas Artes – Especializações em Museologia, Conservação e Restauro, e Ciências da Arte (da Universidade de Lisboa).

Lembrando que “as realidades são progressivamente mais complexas” e que “cada vez mais, é preciso a convergência de diferentes saberes”, o coordenador sublinha que esta é uma rede de Doutoramentos que procura desenvolver trabalhos científicos em torno da área do Património “que cruzem as ciências duras com as ciências humanas”, como sejam, por exemplo, a Química e a História da Arte. Concomitantemente, o desejo de “aumentar e consolidar a interdisciplinaridade” corresponde a “um trabalho demorado” que Paulo Simões Rodrigues continuará a materializar ao leme do CHAIA, à medida que os focos de investigação da unidade deverão concentrar-se em torno de temáticas como o estudo crítico do Património.

